

FORMAR LEITORES EXIGE FORMAR PROFESSORES: O PAPEL DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

Talita Tuana de Souza Pinto ¹
Dayane Nogueira de Souza ²
Mateus Holanda de Queiroz ³

RESUMO

O presente artigo discute a importância da formação docente no processo de mediação da leitura literária, entendendo a docência como elo essencial entre o estudante e a literatura enquanto experiência crítica, estética e humanizadora. A partir disto, este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o papel da formação docente na mediação da leitura literária com foco nas estratégias e desafios enfrentados pelo professor. A pesquisa fundamenta-se em uma metodologia de abordagem qualitativa, com natureza narrativa teórico-reflexiva, tendo como instrumento principal uma entrevista realizada com uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais com formação no Magistério. Para a realização desta pesquisa, usamos como referencial teórico principal Tardif (2014) e Nóvoa (1996) com reflexões importantes sobre o professor como sujeito de sua própria formação e Rildo Cosson (2020) e Lajolo (2001) auxiliando para o desenvolvimento da identidade, da sensibilidade estética e da consciência crítica da literatura. A análise revelou alguns desafios enfrentados pelo docente, especialmente diante da falta de incentivo à leitura pela família, influência da tecnologia e da ausência de políticas formativas consistentes. Conclui-se, portanto, que investir em práticas pedagógicas inovadoras e reflexivas, bem como na preparação de professores aliadas a uma formação docente sólida e contínua é essencial para a promoção de uma mediação literária significativa, capaz de transformar tanto a trajetória dos alunos quanto a do próprio professor.

Palavras-chave: Formação Docente; Leitura Literária; Formação leitora; Literatura; Identidade.

INTRODUÇÃO

A formação do professor como mediador da leitura literária não deve ser vista apenas como um conjunto de conhecimentos adquiridos na graduação, porém como um processo contínuo, que se constrói e se renova ao longo da prática. Ser professor é estar em constante formação, revisando saberes, aprendendo com os desafios da sala de aula e refletindo sobre o

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, talitatuana@alu.uern.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, dayane20240006712@alu.uern.br

³ Graduado em Pedagogia – UERN, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, bolsista pela fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, mateusholanda@alu.uern.br.





próprio fazer pedagógico. Como destaca Nóvoa (1996), a docência é uma prática marcada por escolhas, histórias e compromissos, e não apenas pela repetição de técnicas. Isso se mostra ainda mais verdadeiro quando se trata da leitura literária, que exige sensibilidade, escuta, criatividade e preparo teórico para criar vínculos significativos entre o aluno e o texto.

Os saberes do professor, conforme Tardif (2014), são construídos na relação entre formação acadêmica, experiência prática e vivência cotidiana. Nesse sentido, tanto a formação inicial quanto a formação continuada têm um importante papel na preparação do docente para mediar a leitura literária de forma eficaz. A literatura, quando bem trabalhada, ultrapassa a simples decodificação de palavras e promove o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da imaginação. Por isso, o professor precisa estar preparado para fazer da leitura um momento significativo e transformador.

Nesse contexto, Lajolo (2001) afirma que a literatura não ganha sentido sozinha, mas a partir das relações que estabelece com os leitores e com o contexto em que é lida. Essa relação é fortalecida quando o professor atua como mediador atento, propondo leituras que dialoguem com a realidade dos alunos, ao mesmo tempo em que ampliam seus horizontes. Cosson (2020), por sua vez, lembra que o ensino de literatura deve formar sujeitos leitores não apenas no aspecto técnico, mas também no cultural, ético e estético. Isso exige, portanto, uma formação docente que vá além do domínio dos conteúdos e promova o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o papel social da leitura literária.

Diante disso, este artigo tem como objetivo principal refletir sobre o papel da formação docente na mediação da leitura literária com foco nas estratégias e desafios enfrentados pelo professor do 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais com formação no magistério. O trabalho busca compreender como a formação inicial e continuada influencia a prática pedagógica com a literatura, e de que forma essa prática contribui para a formação de leitores mais críticos, sensíveis e autônomos. Para isso, articula discussões teóricas com um recorte empírico a partir da escuta de uma professora da rede municipal de ensino.

METODOLOGIA

Este artigo se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem narrativa teórico-reflexivo, complementada por um recorte empírico por meio da realização de entrevista com uma docente atuante no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais com formação no magistério. De acordo com Gil (2008), a pesquisa qualitativa é desenvolvida





com o objetivo de compreender os fenômenos em profundidade, levando em consideração a subjetividade, os significados e as interpretações dos participantes.

A escolha por esse tipo de metodologia justifica-se pelo objetivo central deste trabalho: refletir sobre o papel da formação docente na mediação da leitura literária com foco nas estratégias e desafios enfrentados pelo professor do 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais com formação no magistério. Trata-se, portanto, de uma reflexão construída a partir do diálogo com os autores que discutem temas como docência, formação leitora, práticas pedagógicas, literatura e identidade.

Segundo Gonçalves (2001) a entrevista se configura como uma valiosa técnica no que tange a pesquisa qualitativa, pois permite que o pesquisador compreenda melhor o significado atribuído pelos sujeitos, o que dificilmente seria possível numa pesquisa quantitativa. Complementando essa abordagem, o *corpus* desta pesquisa é constituído a partir de uma entrevista semiestruturada com uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental, que consentiu participação ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o intuito de aproximar a discussão acadêmica da realidade escolar.

A entrevista foi tratada como instrumento de escuta sensível da prática docente, sem pretensão de generalização, mas como um recurso que enriquece a análise teórica com a experiência concreta. A interpretação do material empírico e dos textos teóricos se baseia em uma leitura hermenêutica, na qual o entendimento se constrói no diálogo entre o leitor e o texto, contexto e o referencial teórico. Essa leitura possibilita uma compreensão ampliada do papel do professor e do valor formativo da literatura na escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação docente no contexto da mediação da leitura literária exige um olhar atento para os saberes que estruturam a prática pedagógica e para os desafios enfrentados no cotidiano escolar, o professor como mediador da leitura literária exige uma reflexão que articule saberes profissionais, experiências, metodologias de inovação e concepções de leitura. Para compreender esse processo, esta pesquisa apoia-se principalmente das contribuições de Tardif (2014), com **Saberes docentes e formação profissional** que discute a constituição dos saberes docentes como construções sociais, adquiridas por meio da prática, da experiência e da formação acadêmica.

Segundo o autor, “Os saberes docentes são saberes heterogêneos, provenientes de diversas fontes e construídos na prática, na formação e nas interações sociais que marcam a





trajetória do professor. ” (Tardif, 2014, p. 36), revelando que os saberes mobilizados pelo professor não devem ser fixos ~~em universais~~, mas plurais, historicamente determinados, envolvendo desde o conhecimento disciplinar até os saberes da experiência e do cotidiano escolar. Nesse sentido, o saber docente não é algo puramente individual, mas está profundamente inserido em um processo social mais amplo, que envolve instituições, políticas públicas, currículos, tradições pedagógicas e práticas compartilhadas entre os (as) educadores. Ainda conforme o autor:

Os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo tempo, os saberes dele. Como se pode, então, pensar essa articulação entre “o que sabe um ator em atividade” e o fato de o seu próprio saber individual ser, ao mesmo tempo, um componente de um gigantesco processo social de escolarização que afeta milhões de indivíduos e envolve milhares de outros trabalhadores que realizam uma tarefa mais ou menos semelhante à sua? (Tardif, 2014, p. 16).

Assim, podemos perceber que, apesar do saber profissional em sua prática cotidiana ser único, esse saber está inevitavelmente entrelaçado com o que é ensinado nos cursos de formação, com o que o sistema educacional exige, com os saberes históricos da profissão docente.

Contribuindo com este saber, contamos com os estudos de Nóvoa (1996), em “**Os professores e a sua formação**”, complementando a pesquisa ao propor que a formação do professor deva ser entendida como um processo contínuo, que valoriza o docente como sujeito da sua própria história profissional. Segundo o autor, “[...] é preciso criar dispositivos de formação que reconheçam nos professores o direito de serem sujeitos da sua própria formação, valorizando a experiência e promovendo práticas reflexivas” (Nóvoa, 1996, p. 25). Algo que ele também trata como importante é a ideia de que ser professor é um processo em constante construção, e que os saberes necessários à docência não são apenas técnicos ou acadêmicos, mas também experienciais e relacionais. Segundo ele:





Não há professores prontos e acabados. A profissionalidade docente constrói-se ao longo de um percurso de vida e de trabalho. É no confronto com os outros, na partilha de saberes, nas experiências vividas e refletidas, que se tece a identidade profissional do professor.” (Nóvoa, 1996, p. 25).

Esse pensamento reforça uma visão fundamental no que tange os processos de formação de leitores, pois o professor além de um mediador de mundos, ao compartilhar suas experiências, projeta no ensino de literatura como algo que precisa ir muito além do que a simples transmissão de conteúdos formativos e pré-programados.

Como apoio teórico complementar, o presente artigo dialoga ainda com Lajolo (2001) em **O que é literatura - Leitores & leitura**, Cosson (2020), com **Paradigmas do ensino de literatura**, contribuindo para a reflexão sobre o ensino da literatura no contexto básico escolar. No contexto do ensino de leitura nos anos iniciais, é essencial considerar a perspectiva do letramento literário e Cosson (2006) em seu artigo **Letramento Literário**, que envolve as teorias sobre a apropriação da linguagem literária como forma de expressão e compreensão do mundo.

Para Cosson (2006, p. 22), “O letramento literário é a prática que possibilita ao leitor a apropriação da literatura como forma de leitura do mundo, como experiência estética e como construção de identidade”. Essa concepção dialoga diretamente com a importância da formação docente, uma vez que o professor, ao compreender os fundamentos do letramento literário, torna-se um mediador mais consciente ao propor leituras reflexivas no cotidiano escolar. Segundo ele:

O letramento literário pode ser definido como o desenvolvimento de competências específicas para a leitura do texto literário, sem abrir mão do seu valor estético. Trata-se de inserir o aluno na cultura letrada por meio da literatura, promovendo o encontro entre o leitor e o texto de forma significativa, crítica e prazerosa. (Cosson, 2006, p. 22).

Essa afirmação é fundamental para compreender que ensinar literatura não é apenas apresentar autores ou exigir interpretações prontas, mas formar leitores capazes de interagir com o texto literário em sua dimensão estética, simbólica e cultural. Essa prática rompe com o ensino tradicional da literatura, muitas vezes restrito à memorização dos conteúdos, defendendo uma abordagem mais formativa, experiencial e crítica.

Cosson (2020, p. 34) contribui com a informação de que “O ensino de literatura precisa de um novo paradigma, que reconheça o professor como agente do letramento literário e o estudante como sujeito do processo de leitura”. E ainda: “[...] a literatura não pode





continuar a ser tratada apenas como instrumento de ensino da língua ou como repertório de informações sobre estilos, escolas e autores. É preciso reconhecê-la como uma forma de conhecimento e uma experiência estética capaz de formar sujeitos sensíveis e críticos. ” (Cosson, 2020, p. 17).

Isso destaca que, apesar das constantes mudanças nas políticas educacionais, a literatura na escola frequentemente ocupa um lugar secundário, voltado mais para a memorização e a decodificação do que para a fruição estética e o desenvolvimento da sensibilidade crítica. Lajolo (2001) traz reflexões fundamentais sobre o acesso à leitura e o papel da escola na formação do leitor, apontando as limitações históricas do ensino literário tradicional. A autora afirma que “[...] a escola ensina a ler, mas nem sempre forma leitores. ” (Lajolo, 2001, p. 88). Essa afirmação reforça a importância de práticas pedagógicas mais engajadas com o desenvolvimento do prazer pela leitura. Ainda conforme a autora:

A literatura é, de um lado, conhecimento, e de outro, fruição. É emoção, é brincadeira, é viagem. A literatura constrói sentidos, mas também destrói certezas. É, portanto, lugar privilegiado para o exercício da imaginação e para a ampliação das experiências humanas. Através dela, o leitor aprende a ver o mundo com outros olhos, a reconhecer o outro e a si mesmo em diferentes contextos e tempos. Reduzir a literatura à informação, à decodificação ou ao pretexto para ensinar gramática é esvaziá-la de sua essência. ” (Lajolo, 2001, p. 19).

Isso evidencia a necessidade de professores com formação crítica e sensível, complementando a crítica feita por Cosson (2020), quando ele afirma que a literatura tem sido deslocada para um lugar secundário na escola, perdendo sua função estética e formativa. Ambos (as) autores (as) alertam para o perigo de se tratar a literatura de forma utilitarista, ignorando sua potência como experiência de subjetivação, imaginação e construção de sentidos, elementos essenciais na formação do leitor e do cidadão. Desta forma, a escolha dos autores aqui discutidos foi usada por contribuírem de forma articulada para a compreensão do fenômeno investigado neste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da escuta sensível proporcionada pela entrevista realizada com a professora, buscamos compreender de que maneira as perguntas e respostas elaboradas poderiam contribuir para o resultado desta pesquisa, alinhando aos pensamentos teóricos dos autores e na interpretação subjetiva dos resultados. Desta forma, a primeira indagação foi como a formação inicial e continuada da colaboradora contribuiu (ou não) para que ela se sentisse





preparada para trabalhar com a leitura literária em sala de aula. Essa pergunta busca entender o impacto real da formação docente sobre a prática com a literatura. Ela respondeu:

Dayane, a nossa formação inicial é riquíssima, porém, é no chão da sala de aula que nós formamos gradativamente. Na rede municipal, a qual eu trabalho, nós temos algumas formações a qual enriquece muito essa preparação para aplicação literária em sala de aula. Na minha faculdade e na minha licenciatura, nós tivemos cadeiras que trabalhavam isso, mas nada melhor que a prática. Eu vejo assim que a minha formação, a minha licenciatura ela ajuda e contribui, a minha pós-graduação e os meus cursos contribuem demais, até porque é um respaldo. Porém, a nossa prática é que vai destrinchando as habilidades a qual a gente se sente mais segura para trabalhar. (Samaria, 2025)

A resposta da professora revela uma visão que dialoga com os estudos de Tardif (2014), ao destacar que a formação docente não se encerra na licenciatura, mas se constitui ao longo do tempo, por meio das experiências vividas no “chão da sala de aula”. Para o autor, os saberes docentes são plurais e construídos na prática, incluindo tanto o conhecimento acadêmico quanto os saberes da experiência. Isso fica evidente quando a professora afirma que “[...] é na prática que vamos destrinchando as habilidades” (Samaria, 2025) e que a atuação cotidiana contribui para a segurança no trabalho com a leitura literária.

Podemos perceber também que a fala da professora se aproxima da perspectiva de Nóvoa (1996), ao reconhecer o professor como sujeito da sua própria formação, que aprende e se reconstrói continuamente em contextos reais e concretos. A ênfase nas formações promovidas pela rede municipal, assim como nas pós-graduações e cursos, revela uma postura ativa da docente na busca por aprimoramento, o que corresponde à ideia de formação como um processo contínuo, coletivo e situado.

Além disso, a valorização da prática como espaço de aprendizagem não invalida a formação inicial, mas a complementa, o que também pode ser compreendido a partir das ideias de Cosson (2006), especialmente quando se pensa no ensino de literatura como um campo que exige tanto conhecimento teórico quanto sensibilidade pedagógica. A professora reconhece que sua formação inicial teve disciplinas voltadas para o trabalho com leitura literária, mas considera a prática um espaço de refinamento e aprofundamento dessas aprendizagens, evidenciando que o ensino de leitura literária exige formação contínua e articulada entre teoria e prática, alinhando-se às reflexões de autores que compreendem à docência como um processo em construção, afetado pelas condições de trabalho.

No campo das estratégias, perguntamos quais práticas ela considera mais eficazes na mediação da leitura literária com seus alunos, pois essa questão permite acessar a prática cotidiana e perceber como o professor atua como mediador. Ela acrescenta:





Existem inúmeras. Nós, durante a semana, tiramos a sexta-feira para trabalhar o “momento literário”, chamado assim. E a gente vai trabalhando; num dia trabalhamos o “café literário”. Então, existem algumas metodologias que vão deixar este momento lúdico, né? Na sala temos uma minibiblioteca e agora nós estamos em uma, mas na sala mesmo temos o “Cantinho da Leitura” que é uma minibiblioteca e nessa minibiblioteca nós vamos fazendo momentos, temos o cenário e isso vai atraindo a imaginação, a participação e a vontade do aluno de participar do momento literário. [...] As metodologias são o “Café literário”, pequenos saraus dentro da sala de aula, deixar a apresentação da leitura do professor um pouco mais lúdica. Outra metodologia muito interessante que a gente usa é fazer impressões do próprio livro e entregar aos alunos antes da história fazer toda uma predição da história literária com perguntas para eles. A gente já faz uma leve avaliação da leitura de mundo, do conhecimento prévio sobre aquela história que vai ser lida e, depois, eles pegam essas imagens e ao passar a leitura eles vão identificando aquela imagem que eles receberam antes da leitura. [...]. Tudo isso faz com que o aluno fixe a sua atenção, né? Porque hoje um dos maiores desafios é captar a atenção deles por um longo tempo.” (Samaria, 2025)

A prática pedagógica descrita pela professora evidencia um compromisso com a mediação significativa da leitura literária, baseada em estratégias que buscam não apenas ensinar a ler, mas envolver afetivamente os alunos com a literatura. Suas ações dialogam diretamente com os princípios defendidos por Cosson (2020), que afirma que a leitura literária, para ser formativa, deve ser trabalhada como um processo contínuo e contextualizado, dentro de um projeto pedagógico que respeite o tempo e o universo do leitor.

A proposta do “*Momento Literário*”, com atividades como o “*Café Literário*”, mini saraus, uso de objetos simbólicos e espaços como o “*Cantinho da Leitura*”, revela uma concepção de ensino da literatura que se aproxima da ideia de mediação cultural, em que o professor atua como ponte entre o texto e o leitor, estimulando a imaginação, a oralidade e a sensibilidade estética dos estudantes. Essas práticas, ao fugirem da abordagem tradicional e transmissiva, contribuem para a formação do leitor literário, como propõe Lajolo (2001), ao defender que o contato com a literatura deve ser carregado de sentido, prazer e identificação.

Além disso, ao permitir que os alunos participem ativamente ora lendo, ora recontando, ora fazendo predições, a professora reposiciona o aluno da posição passiva de “receptor” para o lugar de sujeito da leitura. Isso vai ao encontro da noção de que ler literatura é também um exercício de autoria e de imaginação, como sugerem os autores. Dessa forma, a fala da professora mostra que a mediação literária, quando intencional e criativa, não apenas estimula o gosto pela leitura, mas fortalece vínculos com o texto, amplia a visão de mundo dos alunos e contribui para a formação de sujeitos críticos e sensíveis.

Adiante, ressaltamos: quais são os principais desafios que você enfrenta ao tentar formar leitores no contexto em que atua, e como acredita que a formação docente poderia ajudá-los a superá-los? Ela respondeu:





O maior desafio hoje a gente poderia dizer é a própria tecnologia. [...] a facilidade tecnológica tem tirado nossos alunos da leitura, do ler, do grifar e de se atrair para ler o próximo capítulo. A facilidade com que as redes sociais estão chegando aos nossos alunos faz com que eles tirem à vontade de estar lendo um livro e estejam somente no celular. Então, é muito mais gostoso e mais atrativo eu estar em frente à uma televisão ou à um celular. A gente vê que os livros têm sido deixados de lado e quando a escola incentiva, eles são levados a estar com o livro apenas nas quatro horas que estão inseridos dentro das escolas. [...] então, eu vejo que o maior desafio tanto é a tecnologia como alguma falta de incentivo dos pais. Posso também dizer que a falta de cultura dos pais em ler um livro também dificulta muito e que é um dos desafios encontrados porque eu, por exemplo, enquanto professora eu assino “Leiturinha” que é um aplicativo bem bacana para minha filha. As famílias, algumas, e não a maioria, tem essa falta da prática de leitura, de mostrar e de presentear com livros. (Samaria, 2025)

Um dos principais dilemas enfrentados atualmente por educadores é a formação do leitor literário em meio ao avanço das tecnologias digitais e à ausência de uma cultura leitora no ambiente familiar. O relato deixa claro que os desafios não se limitam à sala de aula, mas se estendem ao contexto sociocultural dos alunos, especialmente no que diz respeito à valorização da leitura no cotidiano. Ela identifica a tecnologia, especialmente o uso excessivo de redes sociais, como uma força que disputa a atenção dos estudantes, tornando os livros menos atrativos diante da oferta imediata de estímulos visuais e conteúdo de entretenimento rápido.

Essa percepção se alinha à reflexão de Cosson (2020), que destaca que a escola precisa ir além da simples transmissão de conteúdos literários e atuar como espaço de formação de sentidos, promovendo experiências estéticas que dialoguem com o mundo dos alunos. Quando a professora menciona que muitos estudantes leem apenas por obrigação ou de maneira superficial, ela aponta para uma lacuna na construção de um vínculo afetivo com a leitura. Além disso, a formação docente surge como um elemento-chave na superação desses obstáculos. A professora reconhece que, embora a formação inicial ofereça uma base importante, é a formação continuada e a experiência prática que a fortalecem na busca por estratégias criativas e significativas para estimular a leitura. Essa perspectiva encontra eco em Tardif (2014), ao afirmar que os saberes docentes são construídos na intersecção entre a formação acadêmica e o saber da experiência, que se desenvolve no exercício cotidiano da profissão.

Outro ponto importante levantado por ela diz respeito à ausência de uma cultura leitora nas famílias, o que reforça a necessidade de a escola atuar também como formadora cultural, criando ambientes e projetos que envolvam não só os alunos, mas também as famílias no universo literário. Nesse sentido, a leitura deixa de ser uma prática isolada e passa





a integrar uma rede de significados compartilhados, capaz de resgatar o valor simbólico e transformador da literatura.

Partindo para a finalização das perguntas, trouxemos outra questão crucial para a análise desta pesquisa, onde ressaltamos sobre a importância da trajetória profissional. Perguntamos se ela recebeu alguma formação específica para trabalhar com a leitura literária em sala de aula. Essa pergunta é importante para identificar se a professora teve acesso a cursos, oficinas, disciplinas na graduação ou em formações continuadas que tratassem da leitura literária como prática pedagógica. Neste ponto ela esclarece:

Nós temos ciclos de formação que são específicos para o momento literário da literatura infantil. Nós participamos, semana passada, do segundo ciclo a qual as nossas formadoras municipais, da Secretária de Educação de Iracema - CE, nos proporcionam essas formações onde trazem ideias, metodologias, indicações, algumas práticas e dinâmicas. E isso ajuda demais, porque são novas ideias e novas práticas. Nós fazemos um estudo também que envolve o psíquico, a gente participa de toda uma formação voltada para o momento literário e também é sempre pedido que nosso “Cantinho da Leitura” esteja atrativo dentro da sala, por que há todo momento que o aluno está ali dentro da sala ele está visualmente em contato com coisas pregadas no cantinho da leitura; são os sinais de pontuação, a parte gramatical também. Mas assim, sempre está em contato com personagens, as capas do livro e os livros expostos, esse “Cantinho da Leitura” ele é muito importante que o aluno esteja diretamente em contato com isso. Então, nós temos formações literárias durante o ano. (Samaria, 2025)

Aqui, podemos apontar para um aspecto essencial da atuação docente contemporânea: a importância da formação continuada voltada à mediação da leitura literária, especialmente no contexto da Educação Infantil e Anos Iniciais. A professora destaca a realização de ciclos de formação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, nos quais são apresentadas metodologias, dinâmicas e sugestões práticas que auxiliam diretamente no trabalho com o “*momento literário*” em sala de aula. Esse tipo de formação, segundo ela, tem sido relevante para a atualização das práticas pedagógicas e para a construção de ambientes estimulantes, como o “*Cantinho da Leitura*”, por exemplo.

Essa perspectiva dialoga com Nóvoa (1996), que enfatiza que os professores não são apenas produtos de uma formação inicial, mas sujeitos em constante processo de construção profissional. Para ele, a formação continuada deve ser pensada como um espaço de troca, reflexão e construção coletiva do saber docente, respeitando os contextos e desafios reais da prática. Do mesmo modo, Tardif (2014) reconhece que os saberes profissionais dos docentes se desenvolvem na articulação entre saberes da formação, saberes da experiência e saberes curriculares. Ou seja, as formações específicas sobre literatura mencionadas pela professora





ganham significado e eficácia à medida que são aplicadas, testadas e adaptadas à realidade concreta da sala de aula.

Além disso, o destaque para o aspecto visual e afetivo do “*Cantinho da Leitura*” reforça o papel do ambiente na formação do leitor. Ao manter os alunos em contato constante com livros, personagens e elementos da linguagem, cria-se uma atmosfera favorável à familiarização e ao encantamento pela leitura, que Cosson (2006) aponta como fundamental no processo de formação do leitor literário. O espaço se transforma, assim, em um mediador silencioso, capaz de provocar a curiosidade e o desejo de ler aspectos essenciais para que o ato de ler vá além da decodificação mecânica e se torne uma experiência significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco refletir sobre o papel da formação docente na mediação da leitura literária com foco nas estratégias e desafios enfrentados pelo professor do 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais com formação no magistério. O diálogo entre as respostas da docente e os autores permitiu observar como o fazer pedagógico está diretamente relacionado à formação ao longo da vida, à experiência no cotidiano escolar e ao compromisso com a formação humana dos alunos por meio da literatura.

A professora demonstrou consciência do seu papel enquanto mediadora de leitura, buscando despertar o gosto pela literatura nas crianças e criando espaços de aproximação com os livros. Mesmo com recursos limitados, ela realiza ações que incentivam o contato dos alunos com diferentes gêneros e autores, mostrando que a prática docente pode, sim, transformar a relação dos estudantes com a leitura.

No entanto, um dos aspectos mais marcantes do seu relato foi a identificação dos desafios atuais enfrentados para formar leitores. Segundo ela, o principal obstáculo é o avanço da tecnologia, que tem ocupado de maneira intensa o tempo e a atenção das crianças, diminuindo o interesse pela leitura. Os livros, muitas vezes, ficam restritos ao ambiente escolar, enquanto fora dele, o celular e a televisão assumem o protagonismo no cotidiano dos alunos. Isso faz com que a leitura perca espaço e significado para muitos estudantes.

Além disso, a professora aponta a falta de incentivo à leitura no ambiente familiar como outro desafio relevante. Para ela, quando os pais ou responsáveis não têm o hábito de ler ou não valorizam os livros, as crianças dificilmente desenvolverão esse gosto sozinhas. Essa ausência de uma cultura leitora dentro de casa enfraquece o trabalho feito na escola e compromete o envolvimento dos alunos com a literatura. O depoimento da professora deixa





claro que a formação do leitor vai além dos muros da escola, ela exige um esforço coletivo entre educadores, famílias e políticas públicas.

Ainda assim, a pesquisa revela pontos positivos importantes. A professora demonstra iniciativa, sensibilidade e compromisso com o desenvolvimento dos alunos como leitores. Ela busca alternativas, como o uso de aplicativos para incentivar sua própria filha a ler, e reconhece que sua prática pessoal influencia diretamente na prática profissional, na formação das crianças. Essa postura evidencia uma compreensão clara da importância do exemplo e da mediação constante, confirmando a ideia de que o professor é também sujeito da sua própria formação, construindo saberes no dia a dia.

Dessa forma, destaca-se a necessidade de investir em políticas formativas consistentes e em ações integradas entre escola e família, bem como no fortalecimento de projetos de leitura que envolvam toda a comunidade escolar e o investimento contínuo na formação de professores, especialmente voltada para a mediação da leitura literária. Também é fundamental repensar o uso das tecnologias, buscando formas equilibradas de incorporá-las sem que elas substituam o prazer da leitura.

No tocante à proposta deste artigo, ressaltamos a importância da formação docente para o processo de leitura literária dos educandos, e desta forma afirmamos que, ao que foi proposto e pesquisado, conseguimos atingir nosso objetivo de refletir como a formação continuada dos professores é essencial para o trabalho com a literatura. Em resumo, esta pesquisa aponta que, apesar dos desafios, ainda há caminhos possíveis para promover a leitura literária de forma significativa. O papel do professor como mediador, aliado a um olhar sensível sobre a realidade dos alunos, pode fazer a diferença na construção de trajetórias leitoras mais consistentes, humanas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas - SP, 2001.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. Leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.





NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

